

A PROPÓSITO DE “EDUCAÇÃO SUPERIOR PARA O SÉCULO XXI”*

Alceu Ravello Ferraro**

RESUMO: Debatendo conferência sobre *Educação Superior no Século XXI*, o texto aborda três questões: 1) a responsabilidade social da universidade diante do agravamento das desigualdades sociais no mundo todo e frente à ideologia de que o capital não tem outra responsabilidade social que não a busca do lucro; 2) a urgência de a universidade enfrentar crítica e criativamente a questão da qualidade e da avaliação, em contraposição à fórmula mágica do GQT; 3) a necessidade de se analisar o problema da distribuição do conhecimento e dos talentos na perspectiva da distribuição internacional da riqueza.

PALAVRAS-CHAVE: Universidade; responsabilidade social; qualidade.

1. Logo no preâmbulo da *Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI* (UNESCO, 1998, p. 12), lemos que esta segunda metade do século XX se caracteriza como o período da mais espetacular expansão e ao mesmo tempo do agravamento da *disparidade*, tanto entre países como dentro de cada país, no que se relaciona com a educação superior e a pesquisa. E o documento *Marco Referencial de Ação Prioritária para a Mudança e o Desenvolvimento da Educação Superior* diz que devem ser dados passos concretos para a redução dessa crescente disparidade tanto entre os países industrialmente desenvolvidos, como entre os países em desenvolvimento, *especialmente* (entre) *os países menos adiantados no que diz respeito à educação superior e à pesquisa* (Op. cit., p. 42).

* Texto da intervenção como debatedor da conferência da Dra. Wrana Maria Panizzi, magnífica Reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sobre o tema “Educação Superior no Século XXI”, na Universidade Católica de Pelotas, no dia 6 de janeiro de 1999. O texto pretendeu levantar algumas questões a partir da *Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação* e do *Marco Referencial de Ação Prioritária...*, documentos da Conferência Mundial sobre Educação Superior, promovida pela UNESCO em 1998 (UNESCO, 1998).

** Professor Titular do Mestrado em Desenvolvimento Social/Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas; Professor Titular aposentado da UFRGS; Pesquisador do CNPq.

Obviamente, isto significa colocar a universidade numa posição de *resistência* à ideologia neoliberal massivamente dominante, de resistência à lógica totalitária do mercado. Entendo que esta colocação é particularmente importante no momento em que o Brasil volta a padecer acordo financeiro com o FMI.

O Prêmio Nobel de Economia Milton Friedman é provavelmente a influência mais determinante na política do Banco Mundial e, em termos mais gerais, na política neoliberal para a educação, inclusive para a educação superior, pelo menos no que se refere aos países ditos em desenvolvimento. No início do anos 60, em pleno Estado do bem-estar, Milton Friedman² se insurgiu contra o ponto de vista então generalizado de que o capital tinha uma responsabilidade social. Na época, poucos deram ouvido às suas palavras. No entanto, com a crise dos anos 70, que se aprofundou nas décadas seguintes, sua manifestação passou a impor-se de forma avassaladora, com graves conseqüências para a educação em todos os níveis, inclusive para no ensino superior. Segundo o autor, numa economia de livre mercado, *há uma e só uma responsabilidade social do capital - usar seus recursos e dedicar-se a atividades destinadas a aumentar seus lucros até onde permaneça dentro das regras do jogo...* (Friedman, 1984, p. 122). Para ele, *Há poucas coisas capazes de minar tão profundamente as bases de nossa sociedade livre do que a aceitação por parte dos dirigentes das empresas de uma responsabilidade social que não a de fazer tanto dinheiro quanto possível para os seus acionistas* (Op. cit., p. 123). E na seqüência o autor volta sua atenção para o que denomina um tópico da área da responsabilidade social do capital e confessa que o faz justamente porque esse tópico afeta os seus interesses pessoais. Repele veementemente a afirmação de que os homens de negócios devem contribuir para *obras de caridade* e especialmente para *universidades*. Para Friedman, tais doações feitas por empresas para obras de caridade e universidades *constituem uso impróprio dos fundos da companhia numa sociedade de economia livre* (Op. cit., p.124).

Os que defendem esse ponto de vista de Friedman são os mesmos que pregam a privatização do ensino superior. Por privatização entenda-

² É de 1962 a primeira edição do livro *Capitalism and freedom* (Capitalismo e liberdade), aqui referido com base na tradução para o português publicada no Brasil em 1984.

se a transformação das instituições de ensino superior, tanto as públicas como as comunitárias, em empresas de ensino e sua submissão ao critério que rege a empresa capitalista, inclusive no que se refere à questão da qualidade - o critério do lucro, da maximização do lucro.

No ensino superior assim entendido não há lugar para a universidade pública, a qual, no Brasil, vê reduzir-se dia a dia o seu espaço. Mas não é só isso. Acho que também não há lugar para a universidade de tipo comunitário, enquanto regida por critérios que não o do capital, isto é, a busca exclusiva do lucro.

Entendo que, neste assunto, não se trata apenas de diferença de opção quanto a medidas ou a políticas em relação à universidade. Creio que o que temos hoje é um confronto de concepções diametralmente opostas, tanto de sociedade como de universidade, e do papel e da responsabilidade social desta na sociedade. Nesse sentido, a questão de fundo se relaciona com a própria concepção da universidade que se quer, não apenas com as medidas que possam beneficiar ou aperfeiçoar a universidade que aí está e sobre a qual não se tem um mínimo de consenso.

2. Relativamente à questão da *qualidade* do ensino superior e da pesquisa, penso que a universidade brasileira ainda não conseguiu encaminhar satisfatoriamente a discussão sobre o assunto. Na falta de concepção e de política alternativa clara, o que se vê é os burocratas da educação impingirem, goela abaixo, às instituições de ensino em todos os graus, noção, critérios e políticas de qualidade, como o Gerenciamento pela Qualidade Total - GQT, próprios da produção capitalista, seja da produção em série, típica do fordismo, seja da produção *just in time*, característica do toyotismo. A fábrica de salsichas torna-se assim protótipo da escola e da universidade.

Entendo que a universidade brasileira teve dificuldade em desenvolver seu próprio conceito de qualidade e conseqüentemente em definir os caminhos de sua realização e avaliação. De um lado, parece que às concepções elitistas de qualidade e às práticas burocráticas de avaliação, certamente predominantes, se têm não raro contraposto interesses corporativos que não souberam ou evitaram enfrentar a questão. De outro, é forçoso reconhecer que o problema é mais complexo, não se reduzindo de forma nenhuma à sua dimensão técnica. Ele é antes e acima de tudo um problema que tem a ver com a própria concepção de

universidade e de sociedade, constituindo-se por isso mesmo em um problema eminentemente político. O encaminhamento conseqüente da questão da qualidade e da avaliação do ensino superior e da produção do conhecimento só pode dar-se em consonância com a definição do projeto de universidade.

3. A *Declaração* se refere também à *perda de talentos científicos, que vem privando os países em desenvolvimento e os países em transição de profissionais de alto nível, necessários para acelerar seu progresso socio-econômico* (p. 33). Tal reconhecimento só tem alcance prático, se secundado por uma política de resistência à lógica do livre mercado e da divisão internacional do trabalho, do conhecimento e dos talentos segundo essa mesma lógica. A concentração de talentos acompanha a concentração da riqueza, ambas resultado necessário da lógica do livre mercado. Praticar políticas sociais, educacionais, científicas como as propostas pela Conferência Mundial sobre a Educação Superior significa ter que enfrentar a corrente de pensamento hoje massivamente dominante no mundo, representada pelo que Hobsbawm (1995, p. 19, 176, 277, 420) denomina *teologia do neoliberalismo e ideologia do livre mercado*. Na minha opinião, não está suficientemente clara, no documento, a radicalidade da oposição de concepções e propostas em relação à produção e distribuição internacional do conhecimento e dos talentos.

Esta é a minha contribuição para o debate sobre o tema da conferência. As minhas colocações tiveram por base a *Declaração Mundial...* e o *Marco Referencial de Ação...*, da recente Conferência Mundial sobre Educação Superior, entendendo que os participantes deste evento farão suas intervenções no debate principalmente a partir da competente e brilhante exposição com que nos brindou a Dra. Wrana Maria Panizzi, Magnífica Reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Muito obrigado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRIEDMAN, Milton. *Capitalismo e Liberdade*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

HOBSBAWM, Eric. *A era dos extremos. O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

UNESCO. *Declaração mundial sobre educação superior*. Piracicaba: UNIMEP, 1998. Contem os documentos: "Declaração Mundial sobre Educação Superior no Século XXI: Visão e Ação" e "Marco Referencial de Ação Prioritária para a Mudança e o Desenvolvimento da Educação Superior", traduzidos por Amós Nascimento.

